

**NARRATIVAS DO CRIME E IMAGINÁRIOS URBANOS: GATUNOS,
VIGARISTAS E BATEDORES DE CARTEIRA NO JORNAL DIÁRIO DO
INTERIOR, SANTA MARIA DA BOCCA DO MONTE (RS)**

Janaína Dos Santos Puchalski (janaina.puchalski@acad.ufsm.br)

O presente trabalho analisa as representações de crimes como furtos, roubos, e práticas associadas à vigaristas e batedores de carteira nas páginas do Diário do Interior, jornal em circulação no município de Santa Maria da Bocca do Monte (RS) nos anos iniciais da Primeira República. Parte-se da compreensão de que estes delitos, que ocorriam no cotidiano urbano da cidade, foram narrados pela imprensa local por meio de estratégias discursivas que acentuavam o caráter sensacional dos acontecimentos, convertendo-os em narrativas de forte apelo moral e emocional. Inspirado nas reflexões de Dominique Kalifa (2019) sobre os faits divers, o estudo compreende o jornal analisado, o Diário do Interior, não apenas como fonte de informação, mas como produção cultural central na construção de imaginários sociais acerca da criminalidade em seu período. Inserida no campo da História Social do Crime e em diálogo com a História Cultural, a pesquisa mobiliza metodologicamente a identificação e análise de notícias criminais publicadas pelo periódico entre os anos de 1914, 1915 e 1916, três primeiros anos de veiculação completa disponíveis. A repetição desses episódios, a linguagem enfática e a construção de personagens recorrentes revelam uma lógica narrativa que, embora ancorada em crimes efetivamente ocorridos, aproxima a escrita jornalística de procedimentos literários, nos quais o acontecimento real é reelaborado como

espetáculo cotidiano da transgressão. No contexto da Primeira República, marcado pela intensificação da urbanização e pela consolidação do sistema capitalista, as narrativas do Diário do Interior evidenciam discursos moralizantes vinculados ao trabalho, à ordem e à disciplina social, além de estigmatizações de classe, raça e gênero. Entre as ocorrências analisadas, os furtos aparecem como a forma mais recorrente de subtração, acompanhados pela emergência de figuras como os batedores de carteira e os vigaristas, apresentados como personagens ambíguos e intrigantes, próximos do imaginário dos chamados crimes elegantes. Tais personagens, embora ancorados em acontecimentos concretos, são moldados por uma escrita que dramatiza o perigo urbano e reforça fronteiras morais entre ordem e desvio. Argumenta-se que, ao transformar ocorrências reais em narrativas sensacionais, a imprensa santa-mariense representada pelo jornal analisado não apenas informava, mas educava o olhar do leitor sobre o crime, contribuindo para modos específicos de ver, sentir, ler e interpretar a transgressão urbana. Desse modo, o trabalho evidencia o jornal como linguagem cultural central na construção dos imaginários do crime, antecipando estratégias narrativas que permanecem vivas nas representações contemporâneas da criminalidade.

Palavras-chave: imaginários urbanos; imprensa sensacional; representações do crime.